

GILVANE JOSÉ BOSQUETTO

RASTREABILIDADE E CERTIFICAÇÃO SUA
IMPORTÂNCIA
E SEUS IMPACTOS NA BOVINOCULTURA DE CORTE

CURITIBA

2011

GILVANE JOSÉ BOSQUETTO

RASTREABILIDADE E CERTIFICAÇÃO SUA
IMPORTÂNCIA
E SEUS IMPACTOS NA BOVINOCULTURA DE CORTE

Trabalho apresentado para
obtenção parcial do título de
especialista em MBA-Gestão do
Agronegócio, do
departamento de Pós-graduação,
Setor de Ciências Agrárias,
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Dr. José Mauricio
França

CURITIBA

2011

Sumário

| | |
|---------------------------------------|----|
| 1.0 Resumo | 4 |
| 2.0 Abstract | 4 |
| 3.0 Justificativa..... | 4 |
| 4.0 Diagnostico. | 5 |
| 5.0 Objetivos | 8 |
| 5.1 Geral | 8 |
| 5.2 Específicos | 8 |
| 6.0 Marco teórico | 8 |
| 7.0 Metodologia | 10 |
| 7.1 Material. | 10 |
| 7.2 Métodos | 11 |
| 8.0 Resultados e discussão | 11 |
| 9.0 Conclusão | 14 |
| 10.0 Referências bibliográficas | 15 |

Lista

| | |
|---|----|
| Tabela 1- Custo para implantação da Rastreabilidade R\$/ano | 9 |
| Tabela 2- Custo da Rastreabilidade no Primeiro Ano | 9 |
| Tabela 3- Custo da Rastreabilidade a partir do segundo Ano..... | 9 |
| Tabela 4- Premiação Angus Abril 2011 | 10 |

1.0 Resumo

O presente artigo tem por finalidade, verificar se a rastreabilidade e a certificação “Lista *Trace*”, após ser implantada na propriedade rural, possa agregar mais valor a carne bovina, tanto no mercado interno como externo e assim podendo justificar todo o custo de implantação da rastreabilidade.

Palavras chaves: rastreabilidade, certificação, *trace*

2.0 Abstract

This article aims to determine whether the traceability and certification " list Trace", after being deployed on the farm , can add value to beef, both domestically and externally , and so can justify the entire cost of implementation of traceability.

Keywords: traceability, certification , trace

3.0 Justificativa

Nos tempos globalizados de hoje, onde temos acesso a alimentos provenientes das mais diversas partes do mundo e onde o consumo e a produção de alimentos, conseqüentemente sua comercialização, crescem gradativamente.

Sendo assim, a questão da segurança alimentar é quesito principal a ser considerado, tanto para consumo interno como para exportação.

O grave quadro da sanidade animal na Europa, no final do século XX, especialmente com o advento da encefalopatia espongiforme bovina (síndrome da “vaca louca”), da febre aftosa e da contaminação de alimentos pelas dioxinas, levou diversos países produtores de carne a sacrificar os seus rebanhos, abrindo

assim as portas da Europa e do mundo para a carne brasileira e colocou em destaque a absoluta necessidade da busca de métodos, cada vez mais seguros, para se proceder ao acompanhamento não somente da vida dos animais, mas de todo o trânsito, estocagem e comercialização dos seus produtos. Em suma, um registro de todas as informações importantes do pasto ao prato (LOMBARDI, 1998; DUBOIS et al., 2002).

Cada vez mais se vêem a necessidade de certificar as propriedades, devido a um melhor controle e rastreamento dos produtos, dê da origem até o consumidor final. Porém hoje no Estado Paraná não há nenhuma planta frigorífica credenciada no MAPA (Ministério da agricultura, pecuária e abastecimento) para exportação da carne Bovina.

4.0 Diagnostico

4.1 Os benefícios da rastreabilidade e da certificação na cadeia produtiva da pecuária corte.

Rastreabilidade, dentro dos objetivos do Sistema Brasileiro de certificação de Origem Bovina e Bubalina (SISBOV) que visa especificamente o rastreamento de bovinos e bubalinos é definido como: o conjunto de sistemas de informações e registros de arquivos que permite fazer um estudo retrospectivo dos produtos oriundos da bovinocultura e da bubalinocultura disponíveis nos supermercados, até a propriedade onde foram produzidos, passando pelos estabelecimentos onde foram industrializados, processados e embalados.

Dessa maneira, a certificação e a rastreabilidade assegura que toda a cadeia de estabelecimento, desde a propriedade até o consumidor final, foi coberta.

4.2 Quais as alternativas técnicas, para viabilizar a remuneração de animais rastreados oriundos de propriedades certificadas.

Tendo em vista a crescente demanda por alimento no mundo, é importante salientar, que haja por parte do governo, incentivos (fiscais), para que se credenciem mais frigoríficos para a exportação da carne bovina no Paraná.

O incentivo do governo federal, em proporcionar o aumento das exportações de carne bovina, através do programa de promoção da carne bovina brasileira no exterior, lançado Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA).

No Estado havia apenas uma planta credenciada, porém fechou, e assim dificultando as exportações.

Desta forma, destaca-se a importância da reestruturação estratégica da indústria da carne bovina brasileira, como resposta à rápida mudança nas exigências do mercado internacional, principalmente o da União Européia um dos maiores importadores da carne bovina do Brasil.

4.3 A certificação e a rastreabilidade trouxeram algum diferencial competitivo para as propriedades certificadas, que se justifique todo o trabalho de implantação e manutenção das propriedades certificadas na comercialização desses animais, no Estado do Paraná.

Nos últimos anos, os sistemas de rastreabilidade aplicados para identificar os animais, registrar o seu deslocamento e rastrear a origem dos produtos pecuários sofreram um notável desenvolvimento. Hoje, é indispensável harmonizar sistemas comprovadamente capazes de melhorar a coerência entre os países implicados nas transações comerciais, com o objetivo de obter melhores garantias e facilitar os intercâmbios internacionais de animais e produtos de origem animal (MARTINS apud MACDANIEL e SHERIDAN, 2001).

Hoje devido à importância nas questões sanitárias, é de suma importância que se ocorra cada vez mais, o incentivo para a certificação das propriedades rurais. Porém a falta de remuneração para que se possa cobrir os custos e a manutenção da certificação, está se tornando cada vez mais difícil.

O produtor rural sofre influências tanto internas quanto externas, referentes ao mercado e ao sistema produtivo, mas apesar dos pecuaristas brasileiros estarem expostos relativamente aos mesmos fatores externos (embargos à

exportação, por exemplo, por uma questão sanitária, é de suma importância que se trabalhe, para que se haja uma valorização diferenciada a carne certificada).

A primeira remessa 2008 de carne bovina que, o Paraná enviou à Europa após a crise da aftosa, deflagrada há três anos. Trata-se de um lote de 476 animais comprados pelo frigorífico JBS Friboi, de Maringá, do grupo Vergílio Castagnoli S/A Agropecuária.

Os números de animais eram insuficientes para encher um contêiner, conforme o gerente de Compras do frigorífico, Nelson Jardim. Ele afirmou que a empresa enviou a carne do Paraná junto com produto rastreado de outros estados brasileiros para o Mercado Comum Europeu. A empresa ofereceu um pagamento de 10% acima dos preços do mercado e à vista para os criadores de gado rastreado.

O diretor da Vergílio Castagnoli Agropecuária, Guilherme Quadros, relata que conseguiu 15% de acréscimo em média, após negociação que considerou as características de seu rebanho. “Agora é à hora da verdade”. “O preço pago pela carne exportada para a Europa é que vai dizer se o rastreamento vale à pena”, afirma (Silva, 2008).

Com 15% de acréscimo, ele recebeu R\$ 96,00 por arroba. O empresário relata que até hoje bancou os custos sem receber preço diferenciado. Além de cerca de R\$ 5.00 reais, por registro/cabeça e de R\$ 1.000 mil reais por visita dos credenciadores, isto acaba gastando mais com funcionários especializados.

O Paraná teve suas exportações de carne bovina reduzidas à zero em outubro 2011. A previsão foi confirmada por representantes dos pecuaristas, dos frigoríficos e do governo.

Segundo FILHO 2011, a suspensão das vendas externas acontece por causa do fechamento do frigorífico que a JBS Friboi mantinha em Maringá, única planta exportadora no estado. O declínio da atividade, no entanto, é atribuído à falta de investimento no rebanho de 9,4 milhões de cabeças, não há carne com qualidade e padrão em boa quantidade suficiente para abate de exportação. A expectativa é de que, depois de zerar as exportações, o estado reaja, afirma o veterinário Fabrício Monteiro, da Federação da Agricultura do Paraná (FAEP).

Ele acrescenta que menos de 5% do rebanho tem rastreamento, o que

dificulta as exportações. Sendo assim, o Paraná deixa de lado a rastreabilidade e perde chance de exportar carne bovina.

5.0 Objetivos

5.1 Geral

Compreender o custeio de implantação da rastreabilidade na cadeia bovina e a valorização comercial da carne bovina rastreada; aplicando o estudo de viabilização da rastreabilidade na propriedade rural e a comercialização do produto.

5.2 Específicos

Justificar a viabilidade de se manter um programa de rastreabilidade, para a atividade da bovinocultura de corte no estado.

6.0 Marco teórico

6.1 Quanto custa para implantar e se manter propriedade rastreada e certificar os animais

Para estimar os custos envolvidos da rastreabilidade, segundo (SILVA 2011) o produtor pode escolher entre as seguintes opções permitidas pelo SISBOV.

A forma de identificação apresentadas nesta análise serão:

- Brinco e o botton (**brbo**)
- Brinco e marcação a fogo (**brmf**)
- Brinco e tatuagem (**brta**).

Para essa avaliação considerou-se uma propriedade de referência, com um rebanho estável de 1.325 cabeças, sistema ciclo completo (de cria, recria e engorda), composto por matrizes, novilhas, bezerros e bezerras, garrotes para engorda e touros.

Tabela 1- Custo para implantação da Rastreabilidade R\$/ano

| Matérias Custos fixos | brbo R\$ | brmf R\$ | brta R\$ |
|-------------------------------------|-------------|-------------|-------------|
| | 58,50 | 58,50 | 58,50 |
| Aplicador Brincos | | | |
| Conjunto de números, marca de fogo | | 11,70 | |
| Conjunto de números para tatuador | | | 18,00 |
| Flanbor | | 22,50 | |
| Tatuador | | | 288,00 |
| Custos fixos | 58,50 | 92,70 | 364,50 |
| Custos variáveis | | | |
| Botton | 861,25 | | |
| Brinco | 1.325,00 | 1.325,00 | 1.325,00 |
| Certificadora | 2.782,50 | 2.782,50 | 2.782,50 |
| Deslocamento do Técnico | 1.200,00 | 1.200,00 | 1.200,00 |
| Gás | | 120,00 | |
| Mão-de-obra para manejo dos animais | 662,50 | 662,50 | 662,50 |
| Remuneração do Técnico | 1.800,00 | 1.800,00 | 1.800,00 |
| Tinta | | | 975,00 |
| Unguento | | 298,13 | |
| Custos variáveis | 8.631,25 | 8.188,13 | 8.745,00 |
| Custo total | 8.689,75 | 8.280,83 | 9.109,50 |
| Custo por cabeça | 6,56 | 6,25 | 6,88 |

Fonte: Scot Consultoria, Abril 2011.

Tabela 2- Custo da Rastreabilidade no Primeiro Ano

| Custos | brbo | brmf | Brta |
|--|---------|---------|---------|
| Custo total do rebanho (R\$/ano) | 8689,80 | 8280,83 | 9109,50 |
| Custo por cabeça abatida (R\$/cab/ano) | 26,23 | 25,00 | 27,50 |
| Custo por arroba (R\$/@/ano) | 1,46 | 1,39 | 1,53 |

Fonte: Scot Consultoria, Abril 2011

Tabela 3- Custo da Rastreabilidade a partir do Segundo Ano

| Custos | brbo | brmf | brta |
|--|---------|---------|---------|
| Custo total do rebanho (R\$/ano) | 3078,50 | 3130,70 | 3453,50 |
| Custo por cabeça abatida (R\$/cab/ano) | 2,32 | 2,36 | 2,61 |
| Custo por arroba (R\$/@/ano) | 0,52 | 0,53 | 0,58 |

Fonte: Scot Consultoria, Abril 2011

Tabela 4-Premiação Angus Abril 2011

| SEXO | | PESO MÍNIMO | IDADE- DENTES | ACABAMENTO (mm) | BASE PREÇO | PRÊMIO MÍNIMO | |
|-------|----------|------------------|------------------|--------------------|----------------|------------------|-------|
| | | | | | | MI | TRACE |
| MACHO | CASTRADO | 240 | 0 a 2 | 3 OU 4 | PREÇO MACHO | 8% | 10% |
| | | | 4 | 3 OU 4 | | 7% | 9% |
| | | | 6 a 8 | 3 OU 4 | | 4% | 6% |
| | | 2225 A 239,99 | 0 a 2 | 3 OU 4 | | 7% | 9% |
| | | | 4 | 3 OU 4 | | 6% | 6% |
| | | | 6 a 8 | 3 OU 4 | | 4% | 5% |
| | | 180 a 224,99 | 0 a 2 | 3 OU 4 | | 7% | 8% |
| | | | 4 | 3 OU 4 | | 6% | 7% |
| | | | 6 a 8 | 3 OU 4 | | 4% | 4% |
| FÊMEA | 240 | 0 a 4 | 4 | PREÇO MACHO | 8% | 10% | |
| | | | 0 a 4 | | 3 | 6% | 8% |
| | | | 6 a 8 | | 3 OU 4 | 4% | 6% |
| | | 225 a 239,99 | 0 a 4 | | 4 | 7% | 9% |
| | | | 0 a 4 | | 3 | 6% | 7% |
| | | | 6 a 8 | | 3 OU 4 | 4% | 5% |
| | | 170 a 224,99 | 0 a 4 | | 4 | 7% | 9% |
| | | | 0 a 4 | | 3 | 6% | 7% |
| | | | 6 a 8 | | 3 OU 4 | 4% | 5% |

Valores pagos, pela carne Angus ou meio sangue Angus no Estado do Rio Grande do Sul. Carne@angus.org.br, abril 2011

7.0 Metodologia

7.1 Material

Discutir a operacionalização da rastreabilidade numa propriedade de criação de bovino de corte, considerando que o custeio aplicando os dados das tabelas acima citadas, através dos sistemas de rastreabilidade, e fazer um

comparativo com a tabela Premiação Angus, com o custo da rastreabilidade e avaliar o perfil ideal para maximizar a remuneração para a propriedade de rebanho para abate interno, quando comparada com o preço da lista *trace* para exportação.

7.2 Método

Avaliar custo e prêmio para a rastreabilidade em rebanhos bovinos, visando o melhor resultado possível para aplicar ao mercado interno e externo da carne bovina.

Desenvolver um sistema e propor a melhor combinação de resultado e coerência para rastreabilidade implantada em rebanho comercial no Estado do Paraná.

8.0 Resultados esperados e discussão

O Paraná hoje tem hoje 48 propriedades certificadas para exportação segundo informações MAPA 2011. Segundo a Gazeta do povo publicada Novembro 2011, das 48 propriedades certificadas, 36 fazendas aptas a exportar para a Europa.

Dentre as 2021 fazendas brasileiras certificadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e aptas a exportar carne para os países da União Européia (UE), apenas 36 (1,7%) estão no Paraná.

O estado está à frente apenas do Espírito Santos, onde 12 (0,6%) propriedades estão cadastradas. As fazendas com gado rastreado acabam remetendo seu rebanho aos frigoríficos de São Paulo para que a carne seja exportada à Europa, conforme o setor.

O Sistema de Identificação e Certificação de Bovinos e Bubalinos (SISBOV) completa uma década neste ano sem resultados expressivos no Paraná. De acordo com dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e

Abastecimento (Mapa), apenas 245 mil das 9,4 milhões de cabeças de gado do rebanho do estado do Paraná.

Apesar de o estado ter o sexto maior rebanho do país, a rastreabilidade é uma das menores entre as federações. Em estados com vasta tradição pecuária, o índice de gado rastreado chega a sete vezes o do Paraná. Das 22,3 milhões cabeças de gado do Mato Grosso do Sul, 21% fazem parte do (SISBOV). Já no estado vizinho, Mato Grosso, 18% dos 28,7 milhões de animais está cadastrado no (MAPA). No Rio Grande do Sul, onde o rebanho é de 14,4 milhões de cabeças, o percentual de animais registrado é 3,2%.

Porém não há nenhuma planta frigorífica credenciada no Estado do Paraná para fazer o escoamento carne para o mercado externo. Sendo assim, as perspectivas para a carne bovina rastreada ficam cada vez mais difíceis para os produtores paranaenses, em se manter a certificação das propriedades rurais para a exportação, e também para o mercado interno, devidos aos custos que a rastreabilidade e da certificação geram para as propriedades e aos produtores.

Sendo assim, podemos avaliar que não há expectativas da rastreabilidade no estado do Paraná, de ficando cada vez mais difícil. Pois a falta de mais produtores credenciados e os números de animais são ainda, muito pequenos quando comparados com estado Rio Grande do Sul (RS) e Mato Grosso do Sul, dessa forma dificultando as escalas de abate para exportação.

Ao avaliar os custos da rastreabilidade nas tabelas 1, 2 e 3 pode-se afirmar que o custo da rastreabilidade após ser implanta, ao segundo ano, sendo (brinco e botton), o valor foi de R\$ (0,52) por @ ano. Quando comparado com o valor pago na tabela 4, (Carne@angus.org.br, abril 2011) da carne certificada, que tem um valor diferenciado pela carne Angus e meio sangue Angus, se tem um incentivo que podendo chegar até 10% a mais sobre o valor pago da arroba para a lista “trece” exportação, quando comparado com 8% sobre o valor pago da arroba, para o MI.

A rastreabilidade e a certificação, quando há uma escala de produção para o abate, como no Rio Grande do Sul, a onde o percentual de animais rastreados e maior que no Paraná, e há mais frigoríficos credenciados para a exportação, fica viável a implantação da rastreabilidade e certificação na propriedade rural.

Porém devemos achar uma alternativa para os produtores do Paraná, uma vez já credenciados junto ao (SISBOV), se mantenham ativos na lista *trece*, uma vez que a demanda tende a aumentar.

De acordo com MATOS 2010, as projeções do Agronegócio- Brasil - 2008/09 a 2018/19, realizadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), haverá expressiva mudança de posição do Brasil no mercado mundial. A relação entre exportações brasileiras e o comércio mundial mostra que, em 2018/19, as exportações de carne bovina brasileira representarão 60,6% do comércio mundial de carne bovina.

Dessa forma, devemos fomentar a rastreabilidade e a certificação no Paraná, mesmo sabendo que hoje não há dentro do estado, nenhuma planta frigorífica apta a exportar carne bovina.

Tendo em vista hoje os valores pagos pelo Marfrig Sul, e a demanda por carne certificada, segundo MATOS 2010, deve-se criar alternativas técnicas para que, os pecuaristas no estado do Paraná possam aderir cada vez mais a rastreabilidade e a certificação, uma vez que no estado RS os valores pagos aos produtores são satisfatórios.

De acordo com o médico veterinário Fabrício Monteiro, já citado no texto, o estado do Paraná tem um rebanho de animais certificado muito pequeno, e de baixo valor agregado na carne, Dessa forma, os produtores podem aderir, em criar animais com alto valor agregado, é assim poderão ter mais alternativas, tanto para o mercado interno, quanto para exportação.

9.0 Conclusão

Uma alternativa técnica administrativa seria desenvolver junto às associações de criadores e ao produtor, um sistema de produção com base em cruzamentos, sendo um específico da raça Angus, uma vez que no estado RS já se ocorra um processo de valorização da carne. Podendo então neste caso também, fomentar o processo de criação e melhorando a qualidade da carne no estado do Paraná. Assim podendo maximizar o valor no mercado interno junto aos frigoríficos, e conseguindo manter-se competitivo no mercado, uma vez que ocorra por parte dos frigoríficos uma valorização sobre a arroba, e também minimizando os custos da certificação na propriedade, uma vez que a propriedade já esteja credenciada na lista *trece*, junto ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Outro quesito seria o incentivo a certificação de mais propriedades no estado para que se tenham mais animais aptos à exportação, e assim aumentando a escala de abate.

Dessa forma, enquanto se resolve a questão da exportação da carne bovina no estado, os produtores teriam mais uma alternativa técnica administrativa, e manteriam os seus custos com mais condições da certificação, e também melhorariam a qualidade da carne. Enquanto se resolve a questão da exportação da carne bovina no estado Paraná.

10.0 Referências Bibliográficas.

Associação brasileira de criadores de Angus. Disponível em www.carne@angus.org.br>acesso em 2011

Brasil, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA). Disponível em <http://www.agricultura.gov.br>>acesso em 22set. 2011.

FERNANDE, DANIEL DIAS. O impacto da implantação da rastreabilidade bovina na pecuária de corte do Pantanal de Mato Grosso do Sul: Limitações e oportunidades. Corumbá/MS: 2004.

FILHO, CARLOS GUMARÃES. Gazeta do povo. Publicada em 2011.

LEITE, MARIANO. Disponível em <http://www.pecuaria.com.br>>acesso em 01 out.2008.

MARTINS, FERNANDO MARASSI.; et al. Rastreabilidade bovina no Brasil, boletim agropecuário Universidade Federal de Lavras. N° 55, 2003. p7.

MATOS, NELSOM JORGE MORAES. Diagnóstico da cadeia produtiva da pecuária de corte. Rio Janeiro: FAERJ: SEBARE-RJ, 2010.

Rastreabilidade bovina no Brasil, governo federal do Brasil, boletim Agropecuário Lavras/MG N°55. p1-72 agosto/2003.

SILVA, ALEX LOPES. Rastrear ou não rastrear, eis a questão. Angus@news, 2011, p39.